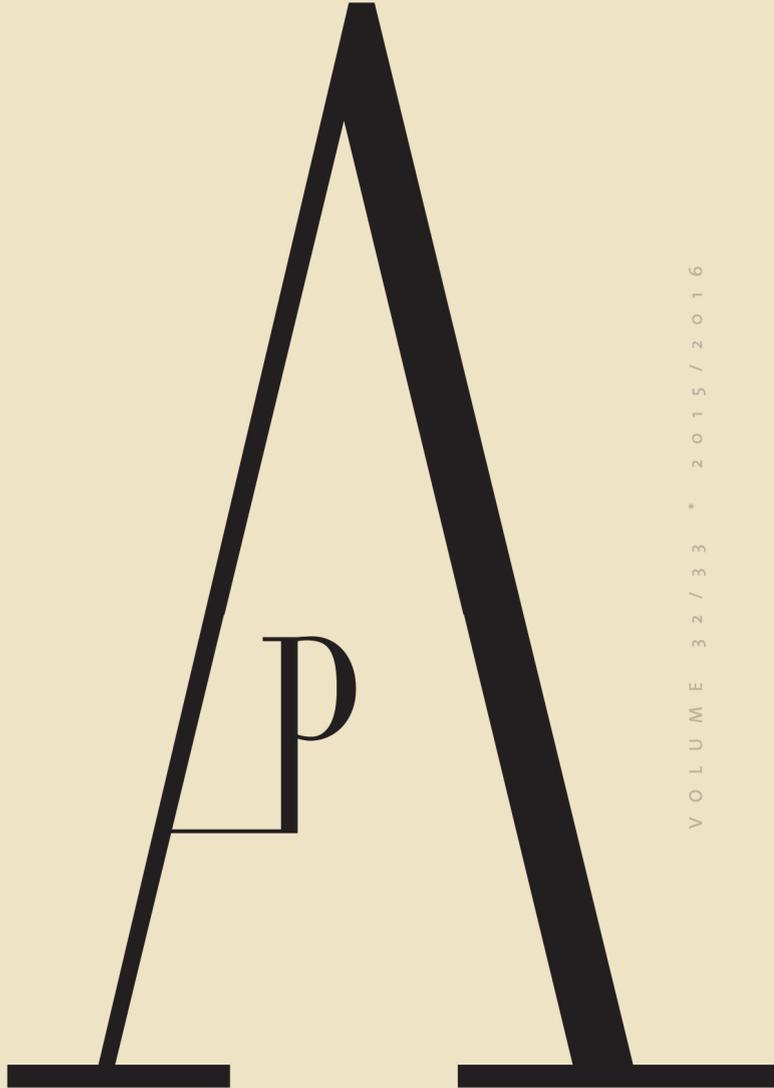


ANTROPOLOGIA
PORTUGUESA



VOLUME 32/33 * 2015/2016

CENTRO DE
INVESTIGAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA
E SAÚDE
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

Glossário de morfologia dentária - tradução para português da terminologia usada em inglês



Dental morphology glossary - Portuguese translation of terminology used in the English language

Luís Miguel Marado^{1*}, Cláudia Cunha^{2,3}, Ana Maria Silva³⁻⁵

Resumo A tradução de termos científicos é necessária para a adequação da “linguagem de especialidade” de cada área científica a cada idioma. Para que a língua portuguesa possa ser usada em comunicação científica e internacional (em países de língua oficial portuguesa e em territórios onde essa língua está amplamente difundida), é necessário encontrar harmonização

Abstract Translating scientific terminology is necessary to adapt the “specialized vocabulary” of each scientific field to any language. Linguistic harmony — achieved through glossaries for each scientific field — is necessary for Portuguese to be used as a scientific international communication language (in the countries where Portuguese is the official language

¹ Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património e Território, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

² Programa de Capacitação Institucional MCTI/MPEG, Coordenação de Ciências Humanas, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Brasil.

³ Laboratório de Pré-história, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

⁴ UNIARQ - WAPS. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

⁵ Laboratório de Antropologia Forense, Centro de Ecologia Funcional, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

* Corresponding author: luismarado@gmail.com

linguística, através de glossários relativos a cada área científica. O objetivo deste artigo é a tradução sistemática para português dos termos científicos usados em inglês na descrição morfológica e anatômica dentária em Antropologia. A tradução dos 56 termos considerados evitou, tanto quanto possível, a tradução literal ou por decalque. Os termos produzidos consideram a raiz etimológica (greco-latina) dos vocábulos ingleses. As unidades lexicais sugeridas permitem a adequada descrição dos elementos morfológicos e anatômicos considerados.

Palavras-chave: Antropologia dentária; caracteres dentários não-métricos; escrita científica em português.

Introdução

O uso de vocábulos estrangeiros na literatura científica em português pode ter consequências negativas. Apesar do seu reconhecimento no “Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea”, o uso de empréstimos na linguagem científica pode prejudicar o português, que perde capacidade enquanto língua de comunicação em ciência e de comunicação internacional (Gonçalves, 2006).

A cada área do saber corresponde uma linguagem de especialidade. Esta “linguagem de especialidade”, ou metalinguagem, corresponde à otimização da comunicação (representação, sistematização e transmissão de

and other territories where this language is widely divulged). The present work aims at systematically translating English scientific words used to describe dental morphology and anatomy into Portuguese. The use of literal translations or borrowing was usually avoided when translating the 56 words considered. The etymological origin of each English term was analyzed. Suggested lexical units allow adequate description of the translated morphological and anatomical elements.

Keywords: Dental anthropology; dental non-metric traits; Portuguese scientific writing.

conhecimento especializado) adequada e concisa entre especialistas numa área científica ou do saber (Santos, 2012). Para que seja possível essa otimização, são necessárias a harmonização linguística e a criação de glossários para a organização das áreas científicas (A. Jesus, 2012).

Para criar uma linguagem de especialidade afeta a cada língua, é necessário recorrer à tradução, principalmente em áreas do conhecimento que tiveram sua sistematização em países falantes de língua diversa. A tradução de termos estrangeiros de contextos científicos para língua vernácula é, no entanto, problemática. A tradução exige da parte do tradutor não apenas domínio das línguas envolvidas, mas também a capacidade de adequar

os conteúdos que resultam da tradução ao público e ao contexto linguístico de destino (Santos, 2012). Sendo que os termos de uma área científica (bem como os estrangeirismos e suas propostas de tradução) geram comumente debate, não apenas entre terminólogos, mas também entre os profissionais da área (A. Jesus, 2012). Consequentemente, obter traduções de sucesso é uma tarefa difícil e que deve ser bem sustentada.

O objetivo do presente trabalho é aplicar um método sistemático de tradução para a língua portuguesa de termos em inglês usados nas áreas da morfologia e anatomia dentárias, incluindo a sua descrição e contextualização. Os termos resultantes (ver Apêndice 1) serão adequados para uso no contexto acadêmico e científico da Antropologia Dentária. Este contexto inclui o âmbito pedagógico, dissertações, teses, publicações e reuniões científicas, entre outros.

Métodos

Na tradução da terminologia morfológica e anatômica da dentição, procurou-se que as unidades lexicais resultantes descrevessem adequadamente o componente morfológico ou anatômico a que dizem respeito. Evitou-se a tradução literal e o decalque

sempre que a terminologia resultante fosse incapaz de transmitir a mesma informação no contexto linguístico de destino, como sucede frequentemente.

No caso de as palavras a traduzir serem compostas (através de prefixação, sufixação, ou parassíntese) por elementos derivados das línguas clássicas (Latim e Grego), considerou-se a evolução etimológica de palavras portuguesas que usam os mesmos elementos.

Glossário

Os termos que se refiram a pontos de referência invariáveis, como as cúspides principais, serão considerados correspondentes à anatomia dentária. No que respeita à anatomia, os termos que requerem menção são os que têm origem paleontológica, referindo-se à teoria tritubercular da evolução dentária, apesar das posteriores sugestões à sua alteração (*vide* Scott e Turner, 1997). A restante terminologia anatômica tem já equivalentes vernáculos consagrados, como cúspide (“cusp”), fossa (“fossa”), crista (“ridge”), lobo (“lobe”) ou sulco (“groove”) (p. ex.: Pereira, 2009; Nelson e Ash, 2012).

A terminologia correspondente à morfologia dentária, principal foco deste trabalho, será abordada exaustivamente. Pretende-se assim incluir termos de

tradução literal, termos cuja tradução é nova, para além daqueles traduzidos insatisfatoriamente no passado.

↳ Accessory marginal tubercles — do inglês *accessory*, acessórios ou acessórias; *marginal*, marginais; e *tubercles*, tubérculos. Ou Premolar mesial and distal accessory cusps — do inglês *premolar*, pré-molar; *mesial*, mesial; *distal*, distal; *accessory*, acessórios ou acessórias; e *cusps*, cúspides.

Tradução: **tubérculos marginais acessórios**.

A tradução literal do termo “accessory marginal tubercles” proporciona uma interpretação vernácula válida da variação morfológica que pode estar presente nos pré-molares superiores. Este carácter discreto consiste na presença de tubérculos entre as cúspides bucal e lingual dos pré-molares superiores nas margens distais e linguais (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Anterior fovea — do inglês *anterior*, anterior; e *fovea*, fóvea ou fossa.

Tradução: **fóvea anterior**.

A expressão em inglês permite uma tradução literal devido à sua eficácia em transmitir a definição deste carácter não-métrico — uma fossa anterior às cúspides do trigonídeo, que ocorre distalmente em relação à margem mesial dos molares inferiores (Turner et al., 1991; Scott e

Turner, 1997) — e por facilitar assim a sua adoção na terminologia antropológica portuguesa.

↳ Canine mesial ridge — do inglês *mesial*, mesial; e *ridge*, crista.

Tradução: **crista mesial defletida** (do canino).

Também conhecido por “*Bushman canine*”, canino bosquímano, este carácter discreto refere-se à presença de uma deflexão distal na porção da crista mesial que converge para a proeminência cingular (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Carabelli’s trait — do investigador húngaro Georg Carabelli; do inglês *’s*, elemento de formação do possessivo; e *trait*, carácter.

Tradução: **carácter de Carabelli**.

O carácter de Carabelli consiste numa variável que pode ter várias formas: em cova, tubérculo, ou cúspide de ápice livre (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997). A sua tradução literal (desta versão da designação em inglês do carácter) permite abarcar toda a diversidade que a variável contém. Outras versões em inglês (como “*Carabelli’s tubercle*” ou “*Carabelli’s cusp*”) devem ser traduzidas da mesma forma.

↳ Congenital absence — do inglês *congenital*, congénita; e *absence*, ausência.

Tradução: **agenesia** ou **ausência congénita**.

A agenesia pode afetar diversos dentes. No caso dos incisivos laterais superiores e dos terceiros molares, pode estar ligada à formação de dentes em cavilha (*peg-shaped*, cf. abaixo), num contínuo que termina na ausência congénita desses elementos. Outros dentes afetados são os incisivos centrais inferiores e os segundos pré-molares (Turner et al., 1991).

↳ Cusp number — do inglês *cusp*, cúspide; e *number*, número.

Tradução: **número de cúspides**.

O número de cúspides nos molares inferiores considera a variação possível entre quatro e seis cúspides. Assume-se a presença do protoconídeo (cúspide 1, ou C1), do metaconídeo (C2), do hipoconídeo (C3) e do entoconídeo (C4). Deve registar-se a possível presença do hipoconulídeo (C5) e do entoconulídeo (C6), mas não a do metaconulídeo (C7) (Turner et al., 1991). Frequentemente esta variável corresponde à classificação do hipoconulídeo (C5), cuja ausência é mais relevante para a comparação entre populações, ignorando-se o entoconulídeo (C7), que é registado separadamente (Scott e Turner, 1997).

↳ Deflecting wrinkle — do inglês *deflecting*, defletindo ou que deflete; e *wrinkle*, ruga.

Tradução: **crista desviada**.

Este carácter consiste numa desviação da crista oclusal do metaconídeo, cúspide 2 dos molares inferiores. A crista oclusal liga o ápex da cúspide à fossa central do molar. Contudo, no caso desta variável, a crista encontra-se desviada para uma posição mais mesial e, aproximadamente a meio do seu curso, desvia-se para a fossa central do dente (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Distal accessory ridge — do inglês *distal*, distal; *accessory*, acessório ou acessória; e *ridge*, crista.

Tradução: **crista distal acessória**.

A crista distal acessória dos caninos ocorre na fossa entre a crista central e a crista marginal distal da faceta lingual do canino (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997). A tradução literal transmite a sua localização com a mesma precisão que o termo original.

↳ Distal trigonid crest — do inglês *distal*, distal; *trigonid* (do grego *treis* ou *tria*, três; *gonia*, ângulo; e *-id*, sufixo patronímico, exemplificado em “entoconid”); e *crest*, crista.

Tradução: **crista distal do trigonídeo**.

Esta crista localiza-se nos molares inferiores, mais especificamente na porção distal do trigonídeo, unindo bucolingualmente o protoconídeo (C1) e o metaconídeo (C2) na parte distal,

próxima do centro do dente (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Distosagittal ridge — do inglês *distosagittal*, disto-sagital; e *ridge*, crista.

Tradução: **crista disto-sagital**.

Esta crista, também conhecida por pré-molar uto-asteca, caracteriza-se por uma maior rotação distobucal do paracone (C2) do primeiro pré-molar, com a presença de uma crista distal que se estende até ao sulco sagital, criando uma fossa entre esta crista e a crista distal do paracone (cúspide 2 do molar superior) (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Double-shoveling — do inglês *double*, duplo ou dupla; e do gerúndio de *shovel*, pá.

Tradução: **cristas labiais marginais**.

As cristas labiais marginais são o paralelo da dentição em pá; neste caso as cristas formam-se nas margens labiais do dente, e podem ocorrer em todos os incisivos, bem como nos caninos e pré-molares superiores (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Enamel extensions — do inglês *enamel*, esmalte; e *extensions*, extensões.

Tradução: **extensões de esmalte**.

Este carácter consiste na alteração da linha cimento-esmalte, ou linha cervical do esmalte, com uma lingueta de esmalte a projetar-se na direção da bifurcação das raízes dos molares (habitualmente

registra-se na superfície bucal dos molares superiores) (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997). A tradução literal do termo inglês adequa-se por transmitir o mesmo conceito sem perda de significado.

↳ Entoconid — do grego *entos*, que está dentro; *konos*, cone ou cónico; e *-id*, sufixo patronímico.

Tradução: **entoconídeo**.

O elemento ento- tem o paralelo vernáculo “enterócito”, que exemplifica a sua utilização em português. O elemento “cone” está exemplificado na tradução de “hypocone”. O sufixo *id*, ou o seu equivalente plural *idae*, é traduzido em português por ídeo(s) ou ídea(s); por exemplo: “canídeo”, “hominídeo”.

O entoconídeo é a cúspide distolingual, ou cúspide 4, dos molares inferiores. A sua designação refere-se à posição na face distal e lingual (interna) do dente.

↳ Entoconulid — do grego *entos*, que está dentro; *konos*, cone ou cónico; do latim *-ulus*, sufixo formativo diminutivo; e do grego *id*, sufixo patronímico.

Tradução: **entoconulídeo**.

“Ento” e *-id* estão exemplificados acima na tradução de “entoconid”. O elemento “cone” está exemplificado na tradução de “hypocone”. O elemento “ule” é exemplificado em “glóbulo” ou “nódulo”.

O entoconulídeo corresponde à cúspide 6, uma cúspide acessória

distal dos molares inferiores localizada lingualmente à cúspide 5 (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ *Foramina mentales* — do latim *foramina*, perfurações ou forâmenes; e *mentales*, referentes ao mento ou mentais.

Tradução: **forâmenes mentais**.

Os forâmenes mentais são perfurações bilaterais na face bucal da mandíbula, na região pré-molar, por onde se dá a passagem de nervos e vasos sanguíneos. Normalmente são simétricos, tendo uma perfuração em cada lado. Podem ser duplos ou múltiplos, fenómeno que normalmente é unilateral (Hauser e De Stefano, 1989).

↳ Groove pattern — do inglês *groove*, sulco; e *pattern*, padrão.

Tradução: **padrão de cúspides**.

Esta variável refere-se ao arranjo entre a fossa central e os sulcos acessórios dos molares inferiores, que decorre da aproximação de diferentes cúspides nessa fossa: os sulcos formam um “y” quando o metaconídeo (C2) e o hipoconídeo (C3) estão em contacto direto; formam um “x” quando o protoconídeo (C1) e o entoconídeo (C4) se encontram; e um “+” quando todas as cúspides se tocam na fossa central (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Hypocone — do grego *hypos*, sob; e *konos*, -cone ou cónico.

Tradução: **hipocone**.

O elemento hipo- surge em português, em vocábulos como “hipoderme” ou “hipotálamo”. O elemento cone é usado em português em palavras com raiz etimológica semelhante, como é exemplo a palavra “queratocone”.

A cúspide distolingual ou cúspide 4 dos molares superiores é designada por hipocone (C4), podendo estar presente, diminuída/reduzida ou ausente (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Hypoconid — do grego *hypos*, sob; *konos*, cone ou cónico; e *-id*, sufixo patronímico.

Tradução: **hipoconídeo**.

O sufixo id está exemplificado em “entoconid”. Os restantes elementos estão exemplificados em “hipocone”.

O hipoconídeo é a cúspide distobucal, ou cúspide 3, dos molares inferiores. O seu nome deriva da posição suboclusal aquando do seu surgimento na evolução da dentição mamífera (Scott e Turner, 1997).

↳ Hypoconulid — do grego *hypos*, sob; *konos*, cone ou cónico; do latim *-ulus*, sufixo formativo diminutivo; e do grego *-id*, sufixo patronímico.

Tradução: **hipoconulídeo**.

Os primeiros elementos encontram-se exemplificados em “hipocone”. O

elemento *ulus* está exemplificado em “*entoconulid*” e o elemento *id* está exemplificado em “*entoconid*”.

O hipoconúlideo, ou cúspide 5 dos molares inferiores, é uma cúspide oclusal distal de tamanho variável (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ *Interruption grooves* — do inglês *interruption*, interrupção; e *grooves*, sulcos.

Tradução: **sulco lingual**.

O sulco palatino refere-se a um carácter discreto muito variável que pode afetar várias regiões anatómicas dentárias — as margens linguais, o cíngulo, a junção cimento-esmalte, a raiz — consoante a sua posição e a sua extensão (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ *Labial convexity* — do inglês *labial*, labial; e *convexity*, convexidade.

Tradução: **convexidade labial**.

A convexidade labial permite a tradução literal, já que esta unidade lexical tem um significado equivalente em ambas as línguas (inglês e português), descrevendo o carácter não-métrico em causa: a superfície labial dos incisivos superiores apresenta-se lisa ou com vários graus de convexidade na área média do dente (e não nas margens, que podem estar alteradas pelas cristas labiais marginais) (Turner et al., 1991).

↳ *Lingual paracone tubercle* — do inglês *lingual*, lingual; *paracone* (do grego *para*, ao lado de; e *konos*, cone ou cónico; ver “*paracone*”); e *tubercle*, tubérculo.

Tradução: **tubérculo lingual do paracone**.

Este tubérculo faz parte dos tubérculos acessórios da margem mesial (TAMM) e tem uma localização para mesial e lingual da crista oclusal do paracone (Kanazawa et al., 1990; Scott e Turner, 1997).

↳ *Mandibular torus* — do inglês *mandibular*, mandibular; e do latim *torus*, saliência ou toro.

Tradução: **toro mandibular**, ou **exostose mandibular**.

A face lingual da mandíbula, mais comumente nas regiões do canino e do pré-molar, pode apresentar nódulos ósseos que se denominam toros mandibulares, ou exostoses mandibulares, normalmente bilaterais (Turner et al., 1991).

↳ *Maxillary premolar accessory ridges* — do inglês *maxillary*, do maxilar; *premolar*, pré-molar; *accessory*, acessórios ou acessórios; e *ridges*, cristas.

Tradução: **cristas acessórias** (dos pré-molares superiores).

As cristas acessórias são eminências que podem estar presentes nos lobos acessórios (entre a crista oclusal e as cristas mesial e distal) da cúspide bucal

dos pré-molares superiores, e podem atingir a fossa central ou estar truncadas (Scott e Turner, 1997; Burnett et al., 2010). A tradução literal da expressão em inglês é adotada por permitir expressar completamente em português as características desta variável morfológica.

↳ Mesial accessory tubercle — do inglês *mesial*, mesial; *accessory*, acessório ou acessória; e *tubercle*, tubérculo.

Tradução: **tubérculo mesial acessório**.

Este tubérculo faz parte dos tubérculos acessórios da margem mesial, localizando-se entre o tubérculo mesial do paracone e o protocónulo (Kanazawa et al., 1990; Scott e Turner, 1997).

↳ Mesial marginal accessory tubercles — do inglês *mesial*, mesiais; *marginal*, marginais; *accessory*, acessórios ou acessórias; e *tubercles*, tubérculos.

Tradução: **tubérculos acessórios da margem mesial** (TAMM).

Estes quatro tubérculos têm designações independentes (p. ex.: ver próximos termos), mas são coletivamente designados de acordo com a sua posição nos molares superiores (Kanazawa et al., 1990; Scott e Turner, 1997).

↳ Mesial paracone tubercle — do inglês *mesial*, mesial; *paracone* (do grego *para*, ao lado de; e *konos*, cone

ou cônico, traduzido acima); e *tubercle*, tubérculo.

Tradução: **tubérculo mesial do paracone**.

Este tubérculo faz parte dos tubérculos acessórios da margem mesial (ver acima) dos molares superiores e é independente da crista mesial acessória do paracone (Kanazawa et al., 1990; Scott e Turner, 1997).

↳ Metacone — do grego *meta*, por detrás de; e *konos*, cone ou cônico.

Tradução: **metacone**.

Os elementos (*meta*-e-*cone*) são, mais uma vez, usados na língua portuguesa. Por exemplo: “metáfora” (vide “Hypocone” acima para exemplo com sufixo cone).

Sinónimo de cúspide distobucal ou cúspide 3 do molar superior. Cúspide localizada posteriormente ao paracone, considerada a terceira cúspide principal na evolução dentária (Scott e Turner, 1997).

↳ Metaconid — do grego *meta*, por detrás de; *konos*, cone ou cônico; e *-id*, sufixo patronímico.

Tradução: **metaconídeo**.

O uso destes elementos na língua portuguesa está exemplificado em “metacone”, “hypocone” e “entoconid”, respetivamente.

O metaconídeo pode também ser designado por cúspide mesiolingual dos molares inferiores ou cúspide

2. É o terceiro elemento cónico da evolução dentária, que é considerada a segunda cúspide devido ao desaparecimento do paraconídeo (“paraconid”; elementos *para-* e *-cone* identificados e exemplificados abaixo, em “paracone”; elemento *-id* identificado em entoconídeo), prévio à evolução homínida (Scott e Turner, 1997).

↳ Metaconule — do grego *meta*, por detrás de; *konos*, cone ou cónico; e do latim *-ulus*, sufixo formativo diminutivo.

Tradução: **metacónulo**.

O primeiro elemento está exemplificado em “metacone”, o segundo em “hypocone” e *-ule* está exemplificado em “entoconulid”.

A cúspide distal, ou cúspide 5 dos molares superiores representa uma cúspide que pode estar presente entre o metacone (C3) e o hypocone (C4) (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Metaconulid — do grego *meta*, por detrás de; *konos*, cone ou cónico; do latim *-ulus*, sufixo formativo diminutivo; e do grego *-id*, sufixo patronímico.

Tradução: **metaconulídeo**.

O elemento “meta” está exemplificado em “metacone”. Em “hypocone” exemplificou-se o uso em português do elemento “cone”. Ulus foi exemplificado em “entoconulid”, enquanto *id* foi representado em “entoconid”.

O metaconulídeo é mais uma cúspide acessória do molar inferior, a cúspide 7, localizada lingualmente, entre o metaconídeo (C2) e o entoconídeo (C4) (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Midline diastema — do inglês *midline*, linha média ou plano medial; e *diastema*, diastema.

Tradução: **diastema na linha média**.

Este termo permite uma tradução literal por designar um espaço entre os incisivos superiores, na linha média (Irish, 1998).

↳ Mid (or middle) trigonid crest — do inglês *mid* (ou *middle*), meio ou médio; *trigonid* (do grego *treis* ou *tria*, três; *gonia*, ângulo; e *-id*, sufixo patronímico; ver “trigonid”); e *crest*, crista.

Tradução: **crista média do trigonídeo**.

Esta variável corresponde a uma crista que une bucolingualmente a porção média das duas cúspides do trigonídeo, o protoconídeo (C1) e o metaconídeo (C2), nos molares inferiores (Wu e Turner, 1993).

↳ Mylohyoid bridge — do grego *mylo*, molar; do inglês *hyoid*, hioide; e *bridge*, ponte.

Tradução: **ponte milo-hióidea**.

A face interna do ramo mandibular apresenta um sulco, o sulco milo-hióideo, que se prolonga pósterio-anteriormente a partir do forâmen mandibular. Nesse

sulco, onde passa um nervo e vasos sanguíneos, pode ocorrer a formação de uma ou mais pontes ósseas (Hauser e De Stefano, 1989).

↳ Odontome — do grego *odon*, dente; e *-ome*, sufixo que significa massa ou tumor.

Tradução: **tubérculo cônico**.

O tubérculo cônico é uma projeção oclusal de dentina e esmalte que ocorre nos pré-molares, em associação com a crista média desses dentes (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Palatine *torus* — do inglês *palatine*, palatal ou palatino; e do latim *torus*, saliência ou toro.

Tradução: **toro palatino** ou **exostose palatina**.

O toro palatino é uma saliência óssea que se forma linearmente ao longo da sutura palatina (Turner et al., 1991).

↳ Paracone — do grego *para*, ao lado de; e *konos*, cone ou cônico.

Tradução: **paracone**.

Ambos os elementos (*para-* e *-cone*) são usados na língua Portuguesa. Como exemplo: “paralelo” (vide “Hypocone” para exemplo com sufixo cone).

O paracone é sinônimo de cúspide mesiobucal ou cúspide 2 do molar superior. Elemento do tipo cúspide paralelo ao protocone (C1), sendo assim a segunda cúspide na evolução dentária

(agora considerada o elemento primitivo da dentição reptiliana [Scott e Turner, 1997]).

↳ Parastyle — do grego *para*, ao lado de; e *stylos*, coluna.

Tradução: **parastilo**.

Exemplo de uso em português do elemento etimológico *para-* encontra-se acima, em “paracone”. O elemento final tem exemplo de uso em “octostilo”.

O parastilo é um tubérculo ou cúspide paramolar, raramente presente na superfície bucal de molares, sobretudo superiores (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Peg-shaped incisor/third molar — do inglês *peg*, cavilha; *shaped*, elemento de formação de palavras que indica forma; *incisor*, incisivo; *third*, terceiro; e *molar*, molar.

Tradução: **incisivo/terceiro molar em cavilha**.

Os incisivos laterais superiores e os terceiros molares podem estar alterados no tamanho (reduzidos) e na forma, uma variação que no seu extremo conduz à sua ausência (ver “*congenital absence*”) (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Premolar lingual cusp variation — do inglês *premolar*, pré-molar; *lingual*, lingual; *cusp*, cúspide; *variation*, variação.

Tradução: **variação das cúspides linguais**.

A variação deste carácter é registada através da observação do número e do tamanho relativo das cúspides linguais dos pré-molares inferiores (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Protocone — do grego *protos*, primeiro ou primário; e *konos*, cone ou cónico.

Tradução: **protocone**.

O elemento *proto-* é usado em português em palavras com raiz etimológica semelhante, como é exemplo a palavra “protozoário” (*vide* “Hypocone” para exemplo com sufixo *-cone*).

O protocone é sinónimo de cúspide mesiolingual ou cúspide 1 do molar superior. Designa o elemento cónico primário na evolução dentária, o dente reptiliano (apesar de esta cúspide ser atualmente reconhecida como o segundo elemento na evolução dentária: Scott e Turner, 1997).

↳ Protoconid — do grego *protos*, primeiro ou primário; *konos*, cone ou cónico; e *-id*, sufixo patronímico.

Tradução: **protoconídeo**.

O elemento “proto” está exemplificado acima, em “protocone”. O elemento “cone” está exemplificado em “hypocone” e o elemento *-id* está exemplificado em “entoconid”.

O protoconídeo é a cúspide mesiobucal dos molares inferiores, a

cúspide 1. É o elemento cónico primário na evolução dentária dos répteis, de onde evoluiu a dentição mamífera (Scott e Turner, 1997).

↳ Protoconule — do grego *protos*, primeiro ou primário; *konos*, cone ou cónico; e do latim *-ulus*, sufixo formativo diminutivo.

Tradução: **protocónulo**.

Os elementos têm paralelos usados em português, exemplificados em “protocone” (primeiro elemento), “hypocone” (segundo elemento) e “entoconulid” (elemento final).

O protocónulo é parte dos tubérculos acessórios da margem mesial, sendo uma hipertrofia da crista mesial acessória do paracone (C2) (Kanazawa et al., 1990; Scott e Turner, 1997).

↳ Protostylid — do grego *protos*, primeiro ou primário; *stylos*, coluna; e *-id*, sufixo patronímico.

Tradução: **protostilídeo**.

O elemento “proto” está exemplificado em “protocone”, enquanto *stylos* está representado em “parastyle”. Para exemplificação do uso de *id* em português, veja-se “entoconid”.

O protostilídeo consiste numa variável entre uma depressão e uma cúspide de ápice livre localizada no (ou próxima do) sulco entre o protoconídeo (C1) e o hipoconídeo (C3) dos molares inferiores (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Radical number — do inglês *radical*, radical ou radicais; e *number*, número.

Tradução: **número de radicais**.

Além da variação no número de raízes (ver “*root number*”), o número de elementos básicos da raiz, os radicais, pode variar em todos os dentes. Os radicais definem-se como divisões radiculares sem separação e observam-se através da formação de sulcos de desenvolvimento que os distinguem (Turner et al., 1991).

↳ Rocker jaw — do inglês *rocker*, que oscila; e *jaw*, maxilar.

Tradução: **oscilação mandibular**.

Por vezes a curvatura inferior do ramo horizontal da mandíbula é convexa ao ponto da mandíbula oscilar sobre uma superfície lisa horizontal, em vez de apresentar o mento (queixo) e os gónios (ângulos posteriores da mandíbula) salientes que se dispõem como um tripé, impedindo esse movimento (Scott e Turner, 1997).

↳ Root number — do inglês *root*, raiz; e *number*, número.

Tradução: **número de raízes**.

Vários dentes podem apresentar variação do número de raízes, quer pelo aumento, quer pela diminuição do seu número em relação ao habitual (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Shoveling — gerúndio da palavra inglesa *shovel*, pá.

Tradução: **dente** (incisivo central, incisivo lateral, ou canino) **em pá**, ou **cristas linguais marginais**.

A dentição em pá caracteriza-se pela formação de cristas linguais marginais de incisivos e de caninos, criando uma morfologia semelhante à forma de uma pá (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Talonid — do francês *talon*, calcanhar, que por sua vez tem origem no latim *talus*, calcanhar; e *-id*, sufixo patronímico.

Tradução: **talonídeo**.

A palavra *talon* tem o equivalente vernáculo “talão”, do qual provém um adjetivo que usa o elemento talon-, “talonado”. O último elemento está exemplificado em “entoconid”.

O talonídeo é uma adição suboclusal ao reduzido trigonídeo (devido à perda do paraconídeo), que no decurso da evolução dentária mamífera atingiu uma posição oclusal (Scott e Turner, 1997).

↳ Tomes’ root — do investigador britânico Charles Sissmore Tomes; do inglês ‘s, elemento de formação do possessivo; e *root*, raiz.

Tradução: **raiz de Tomes**.

Este carácter radicular consiste na divisão, parcial ou total, em duas raízes no primeiro pré-molar inferior e foi

originalmente descrito por Tomes (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

↳ Torsomolar angle — do inglês *torsion*, torção; *molar*, molar; e *angle*, ângulo.

Tradução: **rotação do terceiro molar.**

Esta variável discreta corresponde ao grau de rotação bucal ou lingual do terceiro molar em relação a uma linha traçada entre o meio do primeiro e do segundo molar (Turner et al., 1991).

↳ Tricuspid premolars — do inglês *tricuspid*, tricúspide; e *premolar*, pré-molar.

Tradução: **pré-molar tricúspide.**

A rara presença do hipocone nos pré-molares superiores (que possuem habitualmente duas cúspides, o protocone e o paracone) define este carácter, um pré-molar com três cúspides (Turner et al., 1991).

↳ Trigon — do grego *treis* ou *tria*, três; e *gonia*, ângulo.

Tradução: **trígono.**

Tanto o elemento tri- (p. ex.: “triângulo”) como o elemento gono (p. ex.: “polígono”) são usados em português.

O trígono é o conjunto das três cúspides dos molares superiores que estão na origem da transição evolutiva do dente cónico reptiliano para a dentição mamífera (Scott e Turner, 1997).

↳ Trigonid — do grego *treis* ou *tria*, três; *gonia*, ângulo; e -id, sufixo patronímico.

Tradução: **trigonídeo.**

Os dois primeiros elementos correspondem ao vocábulo “trigon” e estão exemplificados acima. O último está exemplificado em “entoconid”.

O trigonídeo é o equivalente ao trígono no molar inferior. Corresponde à transição evolutiva entre o dente cónico dos répteis e os molares de morfologia complexa dos mamíferos, e dos homínídeos em particular. Tem a particularidade de ter perdido o elemento mesial, o paraconídeo, na linhagem que deu origem aos primatas (Scott e Turner, 1997).

↳ *Tuberculum dentale* — do latim *tuberculum*, tubérculo; e *dentale*, dentário.

Tradução: **proeminências cingulares.**

As proeminências cingulares referem-se à presença de conjuntos de cristas ou de tubérculos no cingulo de incisivos ou caninos superiores (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997). A tradução literal é inadequada por não transmitir a diversidade de elementos morfológicos, quer em forma, quer em número, que este carácter pode apresentar.

↳ Winging — gerúndio da palavra inglesa *wing*, asa.

Tradução: **rotação mesiolingual**.

Este carácter discreto consiste na rotação bilateral dos incisivos centrais, normalmente superiores, que envolve a deslocação das margens mesiais no sentido palatino (ou lingual) e das margens distais no sentido bucal ou labial (Turner et al., 1991; Scott e Turner, 1997).

Conclusões

Na literatura científica em português, o uso de terminologia inglesa de morfologia dentária é recorrente, sobretudo no âmbito das dissertações (p. ex.: Silva, 2002; Marado, 2010; Tinoco, 2010; Cunha, 2011; C. Jesus, 2012; Pinto, 2012; Coelho, 2013; Rodrigues, 2013). Alguns caracteres discretos da dentição permitem uma tradução literal que conserva o sentido original do vocábulo em inglês (como "*cuspid number*", ou "número de cúspides" em português). Tais caracteres discretos dentários são usados nalguns trabalhos publicados (p. ex. Ferreira et al., 2005; Silva et al., 2006) e nalgumas dissertações (p. ex.: Tereso, 2009; Leandro, 2011).

É necessária, ainda assim, uma tradução sistemática, que proponha vocábulos em português com uma

correta descrição terminológica de todos os conceitos comuns nos ramos da morfologia e anatomia dentárias. O propósito do presente trabalho foi o de dar resposta à necessidade dessa tradução.

O trabalho doutoral de Pereira (2009), no qual todos os termos abordados estão traduzidos, consiste numa tentativa abrangente de produzir essa tradução sistemática. Porém, abundam as traduções literais ("alado" em substituição de "*winging*", p. ex.) ou por analogia com o vocábulo em castelhano ("trigónido" e "protostílido", como tradução de "trigonid" e "protostylid", p. ex.), aparentemente sem consideração pelo sentido original dos termos em inglês, ou pela evolução morfológica de palavras portuguesas com a mesma raiz etimológica.

Também Marado (2010) procurou adaptar alguns vocábulos, sobretudo através do empréstimo parcial, i.e., a manutenção de vocábulos ingleses na designação de caracteres discretos ("*double shoveling*" traduzido como "*shoveling duplo*"; "*distal trigonid crest*" equivale a "crista distal 'trigonid'"). O autor também recorreu ao decalque ("odontoma" como tradução de "*odontome*"), e ainda a traduções que não consideraram a raiz etimológica das palavras em inglês ("ponte mielohióide" como tradução de "*mylohyoid bridge*"). Tais abordagens não procuram encontrar

palavras vernáculas equivalentes que permitam abdicar da referência original ao vocábulo em inglês. O caso particular de “odontoma” suscita confusão; um odontoma é um hamartoma (malformação semelhante a um tumor benigno) no osso alveolar (Oliveira et al., 2001; Koregol et al., 2014) e não um tubérculo cónico oclusal (raramente presente em pré-molares e, muito raramente, em molares ou noutros dentes) (Silva, 2002; Turner et al., 1991).

A harmonização linguística pode surgir com a própria adoção de estrangeirismos ou empréstimos, tal como através da coexistência de expressões vernáculas e estrangeiras (A. Jesus, 2012). Esses pareciam ser os caminhos seguidos na produção académica em Portugal (p. ex.: Silva, 2002; Marado, 2010; Cunha, 2011; C. Jesus, 2012; Pinto, 2012; Coelho, 2013; Rodrigues, 2013) e no Brasil (p. ex.: Tinoco, 2010). Essas opções poderiam estar relacionadas com a escassa expansão da morfologia dentária na Antropologia lusófona e com o relativamente reduzido grau de especialização (em morfologia dentária) da maioria dos estudos. Os trabalhos mais aprofundados sobre morfologia dentária de autores lusófonos são muito recentes e foram escritos em inglês (*vide* Marado, 2014; Cunha, 2015).

A recente expansão da morfologia dentária no contexto dos estudos paleoantropológicos em língua portuguesa — evidente pela quantidade de dissertações recentes nas quais se

observaram caracteres discretos da dentição (p. ex.: Marado, 2010; Tinoco, 2010; Cunha, 2011; C. Jesus, 2012; Pinto, 2012; Coelho, 2013; Rodrigues, 2013) — justifica a criação deste glossário, que visa definir tão completamente quanto possível a “linguagem de especialidade” em português da morfologia dentária, recorrendo a expressões vernáculas válidas e a neologismos que respeitam a etimologia dos termos originais.

A consagração das traduções surge com o seu uso continuado (A. Jesus, 2012). Assim, sugere-se a adoção da terminologia em português deste glossário, após a sua apreciação e discussão, para uma crescente compreensão e facilidade de utilização dos conceitos da subárea da morfologia dentária.

Agradecimentos

A Professora Doutora Ana Luísa Santos inspirou a criação deste glossário em meados de 2010, aquando da realização das defesas de projeto doutoral de LMM e CC.

Agradecemos à revisão anónima que permitiu melhorar o presente trabalho.

O Professor G. Richard Scott contribuiu com ideias úteis para a definição e tradução dos conceitos abordados, pelo que merece a nossa profunda gratidão.

Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto Lab2PT — Laboratório de Paisagens, Patrimônio e Território-AUR/04509; do Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS) - UID/ANT/00283/2013; e da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), através de fundos nacionais e, quando aplicável, do cofinanciamento do FEDER, no âmbito dos novos acordos de parceria PT2020 e COMPETE 2020 — POCI-01-0145-FEDER-007528.

Este trabalho teve também apoio financeiro do Programa de Capacitação Institucional MCTI/MPEG, Coordenação de Ciências Humanas, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Brasil, através de bolsa de pesquisa PCI para um dos autores (CC).

Referências bibliográficas

- Burnett, S. E.; Hawkey, D. E.; Turner, C. G. 2010. Brief communication: population variation in human maxillary premaxillary accessory ridges (MxPAR). *American Journal of Physical Anthropology*, 141(2): 319-324. DOI: 10.1002/ajpa.21230.
- Coelho, L. J. G. 2013. *Miranda dapar de Podentes: estudo paleobiológico de um ossário exumado junto à Torre Sineira em Miranda do Corvo*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Cunha, C. M. S. 2015. *Crossing the river: the dental morphology of Chalcolithic populations in the middle Guadiana*. Tese de Doutoramento em Antropologia, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Cunha, H. 2011. *Mértola: no caminho do passado*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Ferreira, M. T.; Neves, M. J.; Silva, A. M. 2005. Restos dentários de um indivíduo exumado em contexto de lixeira islâmica: morfologia, patologia e questões sócio-económicas. *XELB*, 6: 219–226.
- Gonçalves, R. 2006. Estrangeirismos de domínios científicos e técnicos no DLPC. In: Cabré, M. T.; Estopà, R.; Tebé, C. (eds.) *Actas del IX Simposio Iberoamericano de Terminología RITERM 04 La Terminología en el siglo XXI—contribución a la cultura de la paz, la diversidad y la sostenibilidad*. Barcelona, Institut Universitari de Lingüística Aplicada: 699–710.
- Hauser, G.; De Stefano, G. F. 1989. *Epigenetic variants of the human skull*. Stuttgart, E. Schweizerbart'sche Verlagsbuchhandlung (Nägele u. Obermiller).
- Irish, J. D. 1998. Dental morphological affinities of Late Pleistocene through recent sub-Saharan and north African peoples. *Bulletins et Mémoires de la Société*

- d'anthropologie de Paris*, 10(3): 237–272. DOI: 10.3406/bmsap.1998.2517.
- Jesus, A. M. R. 2012. Empréstimos, tradução e uso na prática terminológica. *TradTerm*, 20: 111–128. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2012.49047.
- Jesus, C. C. 2012. *Museu Nacional Machado de Castro: resquícios duma Coimbra Medieval. Estudo paleobiológico de uma amostra exumada da antiga igreja românica de S. João de Almedina*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Kanazawa, E.; Sekikawa, M.; Ozaki, T. 1990. A quantitative investigation of irregular cuspules in human maxillary permanent molars. *American Journal of Physical Anthropology*, 83(2): 173–180. DOI: 10.1002/ajpa.1330830205.
- Koregol, A. C.; Kalburgi, N. B.; Fatru, R.; Chaudhari, H. 2014. Compound odontoma: in a nut shell. *Research and Reviews: Journal of Dental Sciences*, 2(3): 29–31.
- Leandro, I. R. R. 2011. *Mértola: testemunhos de um passado medieval. Estudo paleobiológico de 30 esqueletos provenientes da Alcáçova do Castelo de Mértola*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Marado, L. M. 2010. *Análise dos caracteres discretos da dentição inferior e do osso mandibular numa série do Museu de História Natural (FCUP)*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra. Available at: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/20825>.
- Marado, L. M. 2014. *Characterization of the dental morphology of a Portuguese sample from the 19th and 20th centuries*. Tese de Doutoramento em Antropologia, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Nelson, S. J.; Ash, M. M. 2012. *Wheeler's anatomia dental, fisiologia e oclusão*. Rio de Janeiro, Elsevier Brasil.
- Oliveira, B. H.; Campos, V.; Marçal, S. 2001. Compound odontoma – diagnosis and treatment: three case reports. *Pediatric Dentistry*, 23(2): 151–157.
- Pereira, C. M. P. 2009. *Contribuição para a identificação demográfica de uma população catastrófica por parâmetros dentários: população não identificada relacionada com o terramoto de Lisboa de 1755*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Medicina de Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Pinto, R. J. S. 2012. *Memórias figueirenses. Estudo paleoantropológico de um ossário exumado da Igreja Matriz de São Julião da Figueira da Foz*. Dissertação

- de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, A. C. P. 2013. *A maqbara de Shantarín. Enfermidade e saúde numa amostra esquelética de adultos*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Santos, M. T. 2012. Tradução, divulgação científica e Terminologia — um ensaio exploratório. *In-Traduções — Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC*, 4(7): 24–38.
- Scott, G. R.; Turner, C. G. 1997. *The anthropology of modern human teeth. Dental morphology and its variation in recent human populations*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Silva, A. M. 2002. *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final-Calcolítico*. Tese de Doutoramento, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Silva, A. M.; Ferreira, M. T.; Codinha, S. 2006. Praia da Samarra: análise antropológica dos restos ósseos humanos depositados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9(2): 157–169.
- Tereso, S. 2009. *Memórias no Largo: estudo de uma amostra osteológica humana exumada no Largo Cândido dos Reis Santarém (XVI–XVIII)*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Tinoco, R. L. R. 2010. *Antropologia Dental: Traços não-métricos de uma amostra brasileira*. Dissertação de Mestrado em Biologia Buco-Dental, área de concentração em Odontologia Legal e Deontologia, Faculdade de Odontologia de Piracicaba, Universidade Estadual de Campinas.
- Turner, C. G.; Nichol, C. R.; Scott, G. R. 1991. Scoring procedures for key morphological traits of the permanent dentition: the Arizona State University Dental Anthropology System. *In: Kelley, M. A.; Larsen, C. S. (eds.) Advances in Dental Anthropology*. New York, Wiley-Liss: 13–31.
- Wu, L.; Turner, C. G. 1993. Variation in the frequency and form of the lower permanent molar middle trigonid crest. *American Journal of Physical Anthropology*, 91(2): 245–248. DOI: 10.1002/ajpa.1330910210.

Apêndice 1.

Glossário breve de terminologia anatômica e morfológica dentária traduzida do inglês para o português (vocabúlos em português por ordem alfabética)

Português	Inglês	Português	Inglês
Agenesia, Ausência congênita	Congenital absence	Número de raízes	Root number
Carácter de Carabelli	Carabelli's trait	Oscilação mandibular	Rocker jaw
Convexidade labial	Labial convexity	Padrão de cúspides	Groove pattern
Crista desviada	Deflecting wrinkle	Paracone	Paracone
Crista distal acessória	Distal accessory ridge	Parastilo	Parastyle
Crista distal do trigonídeo	Distal trigonid crest	Ponte milo-hióidea	Mylohyoid bridge
Crista disto-sagital	Distosagittal ridge	Pré-molar tricúspide	Tricuspid premolars
Crista média do trigonídeo	Mid(dle) trigonid crest	Proeminências cingulares	Tuberculum dentale
Crista mesial defletida	Canine mesial ridge	Protocone	Protocone
Cristas acessórias	Maxillary premolar accessory ridges	Protoconídeo	Protoconid
Cristas labiais marginais	Double-shoveling	Protocónulo	Protoconule
Diastema na linha média	Midline diastema	Protostilídeo	Protostylid
(Dente) em cavilha	Peg-shaped	Raiz de Tomes	Tomes' root
(Dente) em pá, Cristas linguais marginais	Shoveling	Rotação do terceiro molar	Torsomolar angle
Entoconídeo	Entoconid	Rotação mesiolingual	Winging
Entoconúlídeo	Entoconulid	Sulco lingual	Interruption grooves
Extensões de esmalte	Enamel extensions	Talonídeo	Talonid
Forames mentais	Foramina mentales	Toro mandibular; Exostose mandibular	Mandibular torus
Fóvea anterior	Anterior fovea	Toro palatino; Exostose palatina	Palatine torus
Hipocone	Hypocone	Trigonídeo	Trigonid
Hipoconídeo	Hypoconid	Trígono	Trigon
Hipoconúlídeo	Hypoconulid	Tubérculo cónico	Odontome
Metacone	Metacone	Tubérculo lingual do paracone	Lingual paracone tubercle
Metaconídeo	Metaconid	Tubérculo mesial acessório	Mesial accessory tubercle
Metaconúlídeo	Metaconulid	Tubérculo mesial do paracone	Mesial paracone tubercle
Metacónulo	Metaconule	Tubérculos acessórios da margem mesial	Mesial marginal accessory tubercles
Número de cúspides	Cusp number	Tubérculos marginais acessórios	Accessory marginal tubercles
Número de radicais	Radical number	Varição das cúspides linguais	Premolar lingual cusp variation